

PLANTAS MEDICINAIS: SUA UTILIZAÇÃO NOS TERREIROS DE UMBANDA E CANDOMBLÉ NA ZONA LESTE DE CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

Heloisa Helena Sucupira Gomes¹; Ivan Coelho Dantas²; Maria Helena Chaves de Vasconcelos Catão³.

RESUMO

É conhecida a importância dos vegetais nos rituais afrobrasileiros, tanto o valor simbólico das ervas no contexto geral das religiões de influência africana, como também o efeito que as mesmas causam àqueles que delas se utilizam individual ou coletivamente, salientando que tais efeitos podem enfatizar determinados aspectos comportamentais requeridos pelos rituais, como o transe. Diferentes culturas humanas vêm absorvendo uma variedade de conhecimentos e costumes adquiridos de sua relação com o ambiente em que vivem. Dentre essas culturas estão as religiões afrobrasileiras que cultuavam os deuses africanos, bem como o uso de plantas nos rituais, em busca de vibrações e irradiações energéticas, com fins terapêuticos e místicos e como oferendas às entidades espirituais. O estudo foi desenvolvido em 5 terreiros da Zona Leste (bairros Nova Brasília e José Pinheiro) da cidade de Campina Grande-PB, no período de Abril a Maio de 2006, utilizando como instrumento de pesquisa 2 questionários: o sócio-econômico e o de produtos, câmera fotográfica e literatura especializada. O inventário realizado nos 5 terreiros em questão revelou a utilização de 101 espécies vegetais, distribuídas em 51 famílias, sendo as mais predominantes as Leguminosae, Labiatae e Liliaceae, das 101 espécies citadas, apenas 21 receberam denominação em iorubá.

Unitermos: religiões, espécies vegetais, afrobrasileiro.

MEDICINAL PLANTS: HIS UTILIZATION AT FIELDS OF UMBANDA AND CANDOMBLÉ IN THE EAST ZONE OF CAMPINA GRANDE CITY

ABSTRAT

It is known the importance of plants in Afro-Brazilians rituals. Both the symbolic value of herbs in the religions influenced by African culture and also the effect that they cause to those who make used individually or collectively, the effects may emphasize certain behavioral aspects required by the rituals, such as trance. Different human cultures are absorbing a variety of knowledge and habits acquired in its relationship with the environment which they live. Among these cultures, the Afro-Brazilian religions make worship to Africans gods and use plants in the rituals, in searching for vibrations and irradiation of energy, for therapeutic and mystic purposes, as offerings to spiritual entities. The study was realized in five fields at the East Zone (neighborhoods of Nova Brasília and José Pinheiro) of Campina Grande city, Paraíba, in period of April to May 2008, using two questionnaires (socio-economic and product questionnaires) as instrument of search, camera and specialize literature. The inventory made at five fields showed the use of 101 vegetal species, distributed in 51 families, predominantly the Leguminosae, Lamiaceae and Liliaceae, of 101 species listed, just 21 received the denomination of “iorubá”.

Uniterms: religions, species listed and Afro-Brazilians.

¹ Bióloga, Especialista em Meio Ambiente, Secretaria de Educação do Estado da Paraíba;

² Farmacêutico, MSc, Departamento de Biologia, /CCBS/UEPB, ivancd@gmail.com;

³ Odontóloga, Departamento de Odontologia, CCBS/UEPB.

INTRODUÇÃO

Ao observar o efeito das plantas sobre seu organismo, desde que começou a ingerí-las para se nutrir, o homem pôde notar que certas espécies agiam de modo muito específico sobre o funcionamento do corpo, ora ativando alguma função, ora inibindo processos anômalos. A partir dessa constatação, o uso da flora medicinal expandiu-se e organizou-se nas mais distintas sociedades, muitas das quais contaram com especialistas – pajés, xamãs, feiticeiros e bruxos, que detinham, para uso comum, o conhecimento ancestral sobre o poder curativo de cada espécie.

“Toda planta que possui algum princípio ativo ou substância capaz de prevenir, aliviar ou curar uma doença é medicinal” (Enciclopédia Barsa. 1998, p.407).

A fitoterapia utiliza as plantas medicinais, através de chás, lambedores, garrafadas, unguentos, purgantes, emplastos; remédios populares que são chamados de mezinhas na região Nordeste do Brasil. Algumas das mezinhas mais comuns são: folha de pimenta, em forma de emplastro, para picada de marimondo; sumo de arruda, para convulsões entre outros. Já na medicina popular ou rústica, o povo utiliza drogas, substâncias, gestos ou palavras para obter mais saúde para as pessoas. Não é apenas uma coleção de plantas medicinais, usadas para prevenir e curar doenças. Há também o seu lado mágico, suas ações e orações que o povo utiliza na cura dos seus males físicos e mentais. O uso de remédios feitos com flores, frutas, folhas, raízes e tubérculos de determinadas plantas é tão antigo quanto os primórdios da história da humanidade.

No Brasil, a medicina popular é o resultado de uma série de aculturações de técnicas utilizadas pelo português, pelo indígena e pelo negro. A contribuição do pajé ameríndio, do feiticeiro negro e do bruxo europeu foi de tão maneira misturada que hoje seria difícil distinguir o que é puramente indígena, negro ou branco.

A medicina mágica está muito vinculada aos ritos afro-brasileiros e indígenas, especialmente os de macumba, candomblé ou umbanda e dos catimbós. Ela procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobre natural no doente ou extirpar o mal que o faz sofrer.

É de extrema importância que a Religião Afro-brasileira se valha dos conhecimentos práticos da Taxionomia Vegetal (ciência que estuda o reconhecimento, classificação e identificação de plantas), a fim de que melhor possam assimilar os seus adeptos sobre a existência de plantas fundamentais para a preservação integrada da Religião (Silva, 1988).

Quanto ao tema alvo deste projeto (a utilização das plantas medicinais nos terreiros de umbanda e candomblé) percebe-se que o uso de determinadas partes da planta - raiz, caule, folha, flor, fruto e semente, produz vibrações mentais e irradiações energéticas que fluem com intensidade e atuam em benefício daqueles que necessitam de algum tipo de ajuda. Para que isto aconteça, as ervas têm hora e dia para serem colhidas e aplicadas para o atendimento de uma situação espiritual ou/ e para atender a um caso de cura por doença material.

A entidade das folhas medicinais e litúrgicas dentro do candomblé e da umbanda é Ossãe (ossaim). A esta entidade deve dirigir-se todo aquele que quer iniciar-se em uma das religiões afro-brasileiras.

A rota do comércio escravo foi responsável pela disseminação da cultura africana, da sua medicina fitoterápica e magia herbal. “Algumas das plantas atualmente utilizadas nos rituais afro-brasileiros têm suas raízes fortemente estabelecidas nos costumes tradicionais dos africanos e que aos poucos foram assimilados pelos brasileiros” Camargo (1994) apud Albuquerque (2002).

Segundo Saraceni (2005, p.76):

Há divindades naturais vegetais cujas vibrações e irradiações energéticas se condensam nas flores, outras nas folhas, outras nos caules, outras nas raízes, outros nos frutos e outras nas sementes. Elas só conseguem “chegar” até nós, ou seja, suas vibrações e irradiações só nos alcançam por meio das partes dos vegetais, sendo que cada parte, as flores por exemplo, é um condensador perfeito das vibrações e das irradiações energéticas de uma classe de divindades vegetais.

Sob a ótica de Verger (2005): “no candomblé, a coisa mais importante é a questão das folhas, das plantas que se utilizam no momento em que se faz a iniciação. A natureza está sempre presente dentro da cerimônia. Antes de se fazer a cerimônia a gente toma banho de certas plantas para ter esse axé, essa força que está dentro das plantas.”

As folhas formam uma grande força na farmacopéia africana. O conhecimento que os negros têm das virtudes benéficas e nocivas das plantas é indiscutível. No entanto, nem todos os praticantes das religiões afro-brasileiras sabem os verdadeiros e ocultos significados e utilidades dos materiais que usam em seus rituais e oferendas. A grande maioria usa-os porque é tradição usá-los.

Entre os vegetais, há aqueles cujas propriedades terapêuticas associadas aos seus usos mágicos tornaram-se consagrados pelo uso popular e ninguém mais questiona nada quando são recomendados a usá-los em defumações, banhos, oferendas, infusões ou chás.

Esse trabalho tem como o inventariar plantas medicinais e místicas, que são utilizadas nos terreiros de umbanda e candomblé da zona leste (José Pinheiro, Nova Brasília) da cidade de Campina Grande-Pb. Especificamente fazer um perfil sócio-econômico dos pais ou mães-de-santo dos terreiros onde se vai fazer a pesquisa; catalogar as plantas medicinais que são utilizadas pelos integrantes dos terreiros, considerando a família e a espécie; verificar se as plantas medicinais recebem uma nomenclatura peculiar à população afro-brasileira; verificar o uso místico e terapêutico das plantas utilizadas nos rituais sagrados; identificar as entidades espirituais, sua linha de ação e quais as plantas citadas fazem parte; verificar se as plantas medicinais utilizadas nos rituais sagrados têm uma fundamentação científica ou, são frutos de uma crença popular.

MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa será realizada em 5 (cinco) terreiros de umbanda e candomblé junto a 3 (três) pais e 2 (duas) mães-de-santo, no período de 26 de Abril a 26 de Maio de 2006, nos seus respectivos terreiros, que funcionam na zona leste da cidade de Campina Grande, nos bairros de José Pinheiro e Nova Brasília.

É um estudo de campo, exploratório e com abordagem qualitativa e quantitativa e fundamentada no contexto ideológico das representações sociais, no caso das instituições afro-brasileiras e similares.

Para a realização desta pesquisa de campo, serão relacionados como objeto de estudo 5 terreiros de umbanda e candomblé, reconhecidos pela Federação Paraibana de cultos afro-brasileiros, estes terreiros devem pertencer à zona leste da cidade citada. Utilizando-se para isto 2 questionários (1) sócio-econômico e (2) produtos, contendo perguntas objetivas e subjetivas.

1. Local do Estudo

Terreiros de umbanda e candomblé da zona leste, nos bairros José Pinheiro e Nova Brasília da cidade de Campina Grande.

2. População

Comunidades afro-brasileiras da cidade de Campina Grande.

3. Instrumento para Coleta de Dados

- Se permitido, será feito o registro fotográfico do terreiro e de seus respectivos componentes;

-Serão utilizados dois questionários previamente elaborados, (1) o sócio-econômico: constando de perguntas referentes a identidade do (a) responsável pelo terreiro, (2) o de produtos: para obtenção da nomenclatura afro das plantas usadas, as partes da planta que são usadas durante os rituais sagrados, seu uso terapêutico e místico, quais entidades espirituais (orixá) correspondentes e suas respectivas linhas de ação. O questionário de produtos será imprescindível para posterior levantamento bibliográfico e catalogação das plantas medicinais e místicas quanto a nomenclatura afro e científica (família e espécie).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por serem originárias de segmentos marginalizadas em nossa sociedade (como negros, índios e pobres) há poucos documentos ou registros sobre o processo histórico de formação das religiões afro-brasileiras. Entre esses estão; os boletins de ocorrência feitos pela polícia para relatar a invasão de terreiros e a prisão de seus membros, sob a acusação de praticarem curandeirismo, charlatanismo, etc. Ou então os autos de Visitação do Santo Ofício da Inquisição, nos quais constam os processos de julgamento de adeptos acusados de praticarem bruxaria.

A história dessas religiões tem sido feita oralmente, quase anonimamente, sem registros escritos, no interior dos inúmeros terreiros fundados ao longo do tempo em quase todas as cidades brasileiras.

As semelhanças estruturais entre a forma de culto do catolicismo popular e das religiões de origem africana e indígena (devoção aos santos e deuses) possibilitaram o sincretismo e a síntese da qual se originaram as religiões afro-brasileiras, como por exemplo o candomblé e a umbanda.

Os índios, encontrados aqui pelos portugueses, foram feitos prisioneiros e escravizados para trabalhar nas frentes de colonização. Foram também, obrigados a se converter ao catolicismo, religião oficial do Brasil na época da colonização. Mesmo convertidos, os grupos indígenas não abandonaram totalmente suas crenças e tradições, adaptando-as ao catolicismo.

Com a passar do tempo a escravidão indígena foi sendo substituída pela do negro de origem africana. Silva (2000), ressalta que nas primeiras décadas do século XVI, negros africanos foram trazidos para o Brasil, onde viveram como escravos de senhores de engenho. Apesar de todas as limitações por eles sofridas, os negros tentavam conservar a todo custo seus valores e tradições culturais.

A igreja católica exigia que os negros adotassem um nome cristão, para isto, deveriam ser batizados de acordo com os sacramentos básicos que as transformariam de pagãos, pecadores em cristãos. O escravo deveria aceitar a religião do branco, pois a sua religião era considerada coisa do mal, ofensiva a Deus. A igreja vinculada a interesses diversos, ora tentava disciplinar a vida religiosa do negro, ora fazia vistas grossas às suas danças, cânticos e rezas realizadas nos terreiros das fazendas. Os padres preferiam acreditar na justificativa dos negros que diziam está homenageando os santos católicos.

Aos poucos os negros passaram a participar das procissões que percorriam as ruas das cidades em louvor a Corpus Christi, Cinzas, São Francisco, etc. Porém incorporaram a estas cerimônias seu modo de ser, marcado pela alegria, música, dança e utilização de instrumentos de percussão. Assim a fé dos negros nos deuses de sua religião original esteve disfarçada nas danças e cantos que eles faziam em louvor aos santos católicos. Dessa forma, as crenças religiosas africanas misturaram-se com o catolicismo, formando o que se chama de sincretismo religioso, afirma Silva (2000).

De acordo com Aragão et. al. (1987), muitas divindades negras, os orixás, foram identificadas com os santos católicos: Oxalá, pai dos Orixás, foi identificado com Nosso Senhor do Bonfim; Xangô, protetor contra os trovões e tempestades, passou a ser identificado com Santo Antônio ou São João; Ogum é São Jorge; Iemanjá é Nossa Senhora da Conceição.

Desse sincretismo religioso surgiu a umbanda, religião que só era praticada pelos escravos. Atualmente tem se expandido de forma surpreendente, sendo seguida por todas as camadas sociais.

CANDOMBLÉ DE CABOCLO

Candomblé. A religião dos negros iorubas (Ferreira, 1993).

O culto aos caboclos, tão presentes na religiosidade dos cantos, deu origem ao candomblé de caboclo, considerado por muitos adeptos como uma variação do candomblé de angola, no qual os deuses indígenas assumiram o papel central, com o mesmo status dos orixás.

Os caboclos, além de representarem os espíritos de índios que já morreram e que retornaram a terra como “encantados,” podem ser vistas como representantes da população mestiça, proveniente do cruzamento do branco com a índia. Em muitos terreiros, os caboclos são classificados em dois

tipos: os “cablocos de pena” (porque usam cocar), e os “boiadeiros” (veste-se com chapéu de couro, e dança segurando um laço, com qual imita os gestos de laçar o gado).

Os caboclos quando baixam nos terreiros, vestem-se com cocar de pena, chapéu de couro, dançam com arco flexa, fumam charutos e bebem vinhos, geralmente falam um português antigo e quase incompreensível. Muitos deles são extremamente católicos e suas preces e louvações lembram os tempos coloniais de sua catequese. Por serem conhecedores da medicina local e dos segredos da mata, são famosos como curandeiros e feiticeiros.

A tradição oral do candomblé diz que sempre houve a família-de-santo como forma de organização dos cultos dos deuses africanos no Brasil. E que não se sabe em que época as famílias-de-santo se formaram. Parece terem sido os africanos de uma mesma etnia os fundadores dos primeiros terreiros.

É através da iniciação que uma pessoa começa a se integrar a um terreiro e a sua família-de-santo, assumindo um nome religioso (africano) e um compromisso eterno com seu deus pessoal e ao mesmo tempo com seu pai ou mãe-de-santo. Entre os membros da família-de-santo deve prevalecer a consideração, o respeito, o amor e a obediência.

As nações do Candomblé

No candomblé, a forma de cultuar os deuses (seus nomes, cores, preferências alimentares, louvações, cantos, dança e música) foi distinguida pelos negros segundo modelos de rito chamados de nação, numa alusão significativa de que os terreiros, além de tentarem reproduzir os padrões africanos de culto, possuíam uma identidade grupal (étnica) como nos reinos da África. A estrutura religiosa dos povos de língua iorubá forneceu ao candomblé sua infra-estrutura de organização influenciada pelas contribuições dos demais grupos étnicos. Desse processo resultaram os dois modelos de cultos mais praticados: o rito jeje-nagô e o angola (Silva, 2000).

UMBANDA

Religião originada na assimilação de elementos culturais afro-brasileiros pelo espiritismo (Ferreira, 1993).

A umbanda, como culto organizado segundo os padrões atualmente predominantes, teve sua origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando Kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender publicamente essa “mistura,” com o objetivo de torná-la legitimamente aceita, com o status de uma nova religião (Silva, 2000).

A umbanda constituiu-se, como uma forma religiosa intermediária entre os cultos populares já existentes. Preservou tanto a concepção Kardecista do carma, da evolução espiritual e da comunicação com os espíritos, como, mostrou-se aberta às formas populares de culto africano.

OS VEGETAIS E OS RITUAIS AFRO-BRASILEIROS

É conhecida a importância dos vegetais nos rituais afro-brasileiros, devido aos efeitos que estes causam àqueles que deles se utilizam como também, devido ao valor simbólico dos vegetais no contexto geral das religiões de influência africana.

O uso litúrgico de folhas, sementes, raízes e frutos é por demais complexo, pois varia de região, e sobretudo o uso se amplia ou diminui de um terreiro para outro ou até mesmo se excluem, em se tratando de nações diferentes. Uma espécie de folha pode ser do Orixá Ogum, na Bahia, e a mesma folha, no Rio de Janeiro, pertencer ao Orixá Ogum. Seu uso varia também em relação ao que se chama no Brasil de nação, pois uma folha pode ser predileta de um deus, no candomblé Ketu, e ser rejeitada por todo povo Jeje (Portugal, 1987).

O conhecimento das ervas utilizadas em remédios ou em vários rituais era uma atribuição do alossaim, cultuador do Orixá Ossaim.

OSSAIM – DEUS DAS FOLHAS, DAS ERVAS E DOS MEDICAMENTOS.

Ossaim ou Ossãe é o orixá das folhas. Orixá feminino, vindo dos iorubás, muito confundida com Oxóssi. Este orixá é cultuado como macho no Axé Opô Afonjá, e no terreiro do gantois, Ossaim é fêmea. Nos vários abacás, o nome de Ossaim é tratado com respeito, pois sem as folhas nada se faz nos cultos de nação, cada folha tem uma finalidade própria dentro do culto e, adicionada à outra tem poderes mágicos e medicinais.

Pela importância litúrgica que têm as folhas no candomblé (na louvação dos orixás, na preparação de banhos rituais.) e pelos seus poderes medicinais, o culto a Ossaim desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do candomblé. Nos candomblés quem colhe as ervas é o Mão-de-Ofa, pois é este, quem tem o conhecimento necessário para colher as ervas sagradas dentro dos preceitos litúrgicos do candomblé. Antes de entrar na mata para recolher qualquer folha para banhos, amacis ou defumações, a Mão-de-Ofa saúda Ossaim, acendendo uma vela branca de cera e oferecendo-lhe um cachimbo de barro, mel, aguardente e moedas. As plantas devem ser colhidas as sextas ou domingos, até às 12 horas.

No rito angola o inquite das folhas é chamado de catendê e no rito Jeje é Aguê. O sincretismo de Ossaim no catolicismo é muito variado. Pode aparecer sincretizado com São Benedito, São Roque e São Jorge.

RITUAL PARA SE RETIRAR AS FOLHAS NA MATA

Segundo Portugal (1978: p.12):

Na véspera de se ir à mata, não se tem contato sexual de espécie alguma, dorme-se em uma esteira, pela madrugada toma-se banho, muda-se roupa limpa e leva-se o seguinte para o mato: uma garrafa de mel de abelhas, um cachimbo de barro, um pedaço de fumo de rolo, um dente de alho, uma garrafa de cachaça, farofa de mel, farofa de dendê, três ou sete velas e sete moedas. No momento de entrar na mata, bate-se com a cabeça no chão pedindo licença a Ossaim, e canta-se três cantigas para Ossaim, fazendo a oferenda do que se leva, pede-se licença três vezes para tirar as folhas; durante o período do preceito não se fuma e não se conversa.

Cada divindade tem suas folhas particulares. O emprego de uma folha contra indicada poderá ter efeitos nefastos. Cada folha é dotada de certa virtude. Há a folha da fortuna, da felicidade, da glória, da fecundidade, da alegria, da oportunidade, da fraqueza, da paz, da longevidade, da coragem, das vestimentas, do corpo, dos pés, etc. Há também a da miséria, da conversação indiscreta e doutras menos aceitáveis ainda.

O PODER DAS PLANTAS

Sabe-se que o uso de espécies vegetais com fins de tratamento e cura de doenças e sintomas se perpetuou na história da civilização humana e chegou até os dias atuais, sendo amplamente utilizados para grande parte da população mundial como eficaz fonte terapêutica. Diferentes culturas humanas vêm absorvendo uma variedade de conhecimentos e costumes adquiridos de sua relação com o ambiente em que vivem. Dentre essas culturas, estão as religiões afro-brasileiras que cultuavam os deuses africanos, bem como o uso de elementos encontrados na natureza, como por exemplo, as plantas usadas nos rituais, em busca de vibrações e irradiações energéticas; com fins terapêuticos e místicos e como oferendas às entidades espirituais.

De acordo com Farelli (1988: p.35)

Nos candomblés usa-se as folhas para defumar o terreiro, para preparar a iaô, para amacis, boris e para todas as obrigações e preceitos. Sem as folhas não haveria candomblé. E, um segredo dos cultos de nação guardado a sete chaves, é o sacudimento. O objetivo do sacudimento é fazer com que se afastem da pessoa em questão, os obsessores, os maus espíritos. E um bom sacudimento, com frutos, legumes, ervas e outros fundamentos, pode curar, salvar, afastar a maldade.

O homem, através das diversas filosofias, sempre procurou atingir as boas vibrações através dos odores, quer exalados, quer absorvidos do plano astral. “Cada vibração, de uma certa forma, tem um odor característico, agradável ou não, dependendo da presença positiva ou não; assim, cabe-nos utilizar as formas diversas, através das essências que, em variadas formas de uso, podem nos beneficiar” Almeida (1995).

“Cada planta tem seu poder, mas fica mais forte se usada no dia certo” Farelli (1988).

COLHEITA DAS ERVAS

As ervas medicinais não devem ser colhidas quando molhadas pelo orvalho, pois podem perder todas as suas propriedades naturais. Se contraírem o cheiro característico de mofo, não servem para utilização curativa.

“As ervas medicinais podem ser aplicadas de diferentes modos, sendo de importância vital, que todos os que pretendam utilizá-las, conheçam bem suas maneiras certas de aplicação,” enfatiza Ribeiro (S/D).

Cada orixá tem sua erva própria, assim como, cada defumador tem seu orixá ou pertence a alguma entidade. As ervas têm hora e dia para serem colhidas. As ewe, apanhadas na mata, estão divididas em 9 grupos-horários, sempre e conforme as posições da Lua, a saber:

- das 6 às 12 horas, colhe-se para Oxalá, Nanã.
- das 12 às 18 horas, colhe-se para Ogum-Megê, Xangô-Agajô, Oxum e Iansã.
- das 18 às 24 horas, colhe-se para Exu, Pombagira, Omulu, etc.
- das 24 às 6 horas, colhe-se para Oxóssi, Ossãe, Irôco, etc.

Toda colheita deve ser feita com cuidado extremo, sempre em lugar selvagem, bosque ou floresta, onde as plantas possam livremente existir; as que são cultivadas nos jardins devem ser protegidas porque Ossaim vive na floresta. No ato da colheita deve-se fazer uma oferenda a Ossaim, com o intuito de pedir a sua proteção.

Silva (1988: p.13) destaca que:

A colheita das ervas de acordo com o ritual nagô compreende, portanto, o processamento de normas cabalísticas destinadas ao bom andamento da processualística religiosa dos nagôs. A colheita das ervas deve ser efetuada de acordo com a posição gradual diária do Sol no hemisfério. Também deve o Mão-de Ofa ou o Babalosanyin conhecer todos os critérios fundamentais para a efetivação da colheita, considerando que os preceitos culturais dos Orisa que presidem esse tipo de cultura devem ser respeitados.

EMPREGO DOS VEGETAIS NOS RITUAIS AFRO-BRASILEIROS

Inúmeras são os rituais em que as plantas estão presentes. Destaca-se a sua importância na preparação de banhos, amacis, cerimônias de consagração de um noviço a uma divindade, oferendas, incensos, bebidas rituais, entre outros.

- Banhos de descarga.

O banho de descarga é um descarregamento dos fluidos pesados de uma pessoa. É feito com ervas positivas, variando de acordo com os fluidos negativos que a pessoa está carregando, e de acordo com os orixás que a pessoa traz no seu ori (cabeça). Para preparação do banho, deve-se colher ervas certas, caso contrário, não há efeito positivo e completo. Ao término do banho de descarga, deve-se recolher as ervas e “despachá-las em água corrente ou na praia”.

- Amaci

Os amacis são banhos ou lavagens para fortalecer a cabeça (a mente, o intelecto) do filho de fé, fazendo-o seguir as boas inspirações do seu anjo de guarda (o orixá da cabeça). Nunca se

cozinha as ervas dos amacis, elas devem ser misturadas na melhor água que houver e maceradas (dentro da água), pelas próprias mãos do filho de fé, depois de bem lavadas, bem desinfetadas, bem limpas. No amaci são usadas folhas verdes, recém-coletadas maceradas e imediatamente usadas.

- Cerimônias de consagração de um noviço a uma divindade

Nesta cerimônia, o emprego das folhas é fundamental, porque estas folhas mesmas servirão na elaboração do Axé da divindade e ele recebeu nelas um acréscimo de força que criou um primeiro elo de independência entre o futuro iaô e seu orixá.

- Oferendas

As rosas são oferendas aos Orixás como presente em sinal de agradecimento ou em forma de ofertório. Cada orixá tem a sua flor preferida. Iemanjá prefere flores brancas, Oxum flores amarelas, Exu flores vermelhas, etc. O colorido da flor é fator preponderante para efeito de uma perfeita oferenda. Ramalhetes e mais ramalhetes de rosas brancas são jogados no mar ou deixados na areia da praia, juntamente com outras oferendas, para Iemanjá, rainha de todas as águas.

- Incenso

Em latim incensum=queimado. O perfume, que agrada aos deuses. Fumaça ritual das substâncias aromáticas-madeira, cascas, folhas secas, flores, frutos, sementes e resinas. Tanto no candomblé como na umbanda, o incenso serve para defumar o ambiente, os orixás e objetos de culto; neutralizando as influências adversas, evocando ou afastando os espíritos.

- Bebida ritual

Sabe-se que muitas bebidas rituais são preparadas à base de mais de uma planta de ação alucinógena.

No candomblé, nos dias em que há batida para caboclo os componentes do terreiro usam uma bebida feita com casca e folha de jurema-preta, às quais são acrescentadas água, vinho licoroso, mel ou rapadura, deixando guardada por dois dias em um pote de barro chamado de porrão. Na festa de caboclo todos bebem.

PLANTAS MEDICINAIS

Desde os tempos mais remotos, é conhecida a utilização de ervas na cura de diversos tipos de doenças. O homem pela própria necessidade e a carência de outras fontes, sempre buscou na natureza a solução de seus males. Os primeiros vegetais apareceram durante a Era Paleozóica, no período Siluriano, mas a data precisa do início da utilização das plantas sob a forma medicinal, é impossível afirmar, uma vez que a história das ervas se entrelaça diretamente à própria história da humanidade, acumulando um conhecimento de milhares de anos.

Através de documentos manuscritos, o ser humano foi listando plantas com uso medicinal e descrevendo seus valores terapêuticos. Os naturalistas que acompanhavam as expedições exploratórias às terras “desconhecidas” catalogavam as plantas que encontravam e, quando possível, algumas informações de populações locais Albuquerque et. al (2002).

De uma forma geral, os estudiosos costumam apresentar a história das ervas medicinais a partir do Oriente, em longo caminho que evolui até, mais recentemente, a América.

Eis a seguir algumas das etapas deste percurso, descritas em Alzugaray (1983).

As plantas e os primórdios da colonização.

No Brasil, desde época do descobrimento, os colonizadores observavam e anotavam o uso freqüente de ervas pelas índias. As primeiras informações sobre os hábitos dos indígenas só vieram à luz com o início da colonização portuguesa, a começar pelas observações feitas na Ilha de Santa

Cruz pelo escrivão Pero Vaz de Caminha, da esquadra de Pedro Álvares Cabral, em sua famosa Carta a El Rei D. Manuel.

Um pouco mais tarde, entre 1560 e 1580, o padre José de Anchieta detalhou as plantas comestíveis e medicinais do Brasil em suas cartas ao Superior Geral da Companhia de Jesus.

Os colonizadores europeus deram uma forte contribuição na distribuição de plantas entre os continentes.

As populações africanas vítimas do comércio escravo, também introduziram e disseminaram pelo Brasil vários exemplares vegetais, como por exemplo o *Ocimum* SP.

Conforme Albuquerque (2002: p.13)

Podem ser distinguidas aqui duas rotas relacionadas a *Ocimum*, envolvendo *O. americanum* (manjerona), *O. basilicum* (manjeriço), *O. gratissimum* (alfavaca) e *O. minimum* (manjeriço miúdo), considerando a provável origem africana desses táxons: uma rota de movimento da plantas, relacionada a introdução dos táxon, como especificado acima: e a rota de transmissão cultural (etnoconhecimento), ou seja, a introdução dos usos e significados dos táxon, que é também a representada no comércio escravo e que hoje caracteriza o paralelismo África/Brasil. São apontados dois caminhos para a transmissão cultural: o primeiro, cujo elemento negro foi responsável, introduzindo um caráter mágico-religioso das plantas ligadas ao seu sistema de crenças, bem como de sua medicina; e um outro de responsabilidade dos colonizadores, que penetraram com usos basicamente medicinais e condimentícios.

Etnobotânica de Plantas Medicinais

Alguns estudiosos acreditam que é a partir dos trabalhos de Carl Linneus que se inicia a história da etnobotânica, porque seus diários de viagem continham dados referentes às culturas visitadas, os costumes de seus habitantes e o modo de utilização das plantas.

Amorozo (1996) define a etnobotânica como sendo o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas como os usos que dá a elas.

A etnobotânica surge como mediadora entre os discursos culturais, mas deve-se ter em mente que há uma diferença entre o discurso científico e o saber tradicional. No entanto não deve-se negar que o conhecimento tradicional pode complementar o conhecimento científico fornecendo experiências práticas através da vivência cotidiana.

Bizzo (1998 : p. 17) argumenta:

Não é correta a imagem de que os conhecimentos científicos por serem comumente fruto de experimentação e por terem uma base lógica, sejam ‘melhores’ do que os demais conhecimentos. Tampouco se pode pensar que o conhecimento científico possa gerar verdades eternas e perenes.

Durante muito tempo, o estudo do uso e conhecimento de plantas medicinais era abordado por grupos humanos de diferentes culturas de forma compartimentada. Hoje, a etnobotânica aplicada ao estudo de plantas medicinais, trabalha sob um caráter multi e interdisciplinar.

O estudo da interação de comunidades humanas com o mundo vegetal, em suas dimensões antropológica, ecológica e botânica, permitem a manutenção da cultura, além de combinar conhecimento tradicionais e modernos, para uma melhor investigação da flora, bem como sua conservação e sustentabilidade.

No caso do uso de plantas medicinais, segundo Amorozo (1996), é importante saber de onde vem o conhecimento do uso; se é um conhecimento tradicional embasado na experiência direta dos membros da comunidade, ou se surgiu de contatos com fontes externas à cultura local. Sendo este uso de introdução recente nas comunidades, esta, pode não dominá-lo totalmente.

A pesquisa em etnobotânica baseia-se em dois pontos principais: a coleta de plantas e a coleta de informações sobre o uso destas plantas. Quanto mais detalhadas forem as informações, maiores

serão as chances de a pesquisa trazer subsídios de interesse para se avaliar a eficácia e a segurança do uso de plantas para fins terapêuticos.

Para Ming (1996) a coleta de amostras vegetais, o seu preparo e a cuidadosa anotação de informações do local e da planta são fundamentais para a sua identificação em trabalho etnobotânico ou mesmo para apoio em outras áreas.

A transmissão oral é o principal modo pelo qual o conhecimento é perpetuado. Camargo (1985) enfatiza que a medicina popular praticada pelos curadores baseia-se em conhecimentos transmitidos oralmente pelos mais velhos aos mais moços, quase sempre ligados por laços de parentesco. O conhecimento gerado através do resgate do saber popular deve ser valorizado através de ações que viabilizem e garantam o uso desses recursos pela população.

Levantamentos etnobotânicos são fundamentais para o conhecimento e o estudo de plantas com finalidades medicinais.

Uso de plantas medicinais para fins terapêuticos

O uso terapêutico de plantas medicinais é um dos traços mais característicos da espécie humana. É tão antigo quanto o *Homo sapiens*, e encontrado em praticamente todas as civilizações ou grupos culturais conhecidos.

De acordo com Amorozo (1996 : p . 50)

O uso das plantas para fins terapêuticos está inserido em um texto social e ecológico que vai, de muitas formas, moldá-lo, de modo que muitas das peculiaridades deste emprego não podem ser entendidas se não se levar em consideração fatores culturais envolvidos, além do ambiente físico onde ele ocorre.

As plantas produzem substâncias responsáveis por uma ação farmacológica ou terapêutica que são denominadas de princípios ativos. Essas plantas com ação terapêutica são chamadas de plantas ou ervas medicinais. Afirma Araújo (2004).

As substâncias ativas das plantas medicinais são de dois tipos: os produtos do metabolismo primário (essencialmente sacarídeos), substâncias indispensáveis à vida da planta que se formam em todas as plantas verdes graças a fotossíntese e, o segundo tipo de substância é composto pelos produtos do metabolismo secundário.

Conforme Di Stasi (1996 : p. 110):

A separação dessas duas vias metabólicas é muito obscura, e a classificação dos compostos em primários e secundários depende muito da importância de determinado composto para uma determinada espécie, assim como do estágio de desenvolvimento em que esta se encontra.

Na visão de Almeida (2004) apud Santos (2005). Não é um princípio isolado da planta mas o conjunto de substâncias ativas, incluso no chá, no macerado, no lambedor ou na garrafa, que dá a cada vegetal em particular, ou conjunto de plantas medicinais, suas atividades terapêuticas.

Di Stasi (1996: p. 25) ressalta que:

Limitada ao universo das plantas medicinais, a expressão princípios ativos tem sido muito utilizada pelos mais diferentes profissionais que atuam na área, caracterizando-se como a (s) substância (s) química (s) obtida (s) de produtos de origem natural e que possuem uma ou mais atividades biológicas em determinado organismo vivo.

O uso das espécies vegetais, com fins de tratamento e cura de doenças, que é usado desde os primórdios da antiguidade, veio evoluindo lentamente e chegou até os dias atuais, sendo amplamente utilizada por grande parte da população mundial como fonte recurso terapêutico eficaz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos Babalorixás e Ialorixás

Na tabela 1.0 estão representados dados como idade, estado civil, naturalidade, local de criação e religião de 3 babalorixás e 2 ialorixás de 5 terreiros que funcionam na zona leste (bairro de Nova Brasília e José Pinheiro) da cidade de Campina Grande. Os terreiros são:

- 1- Ilê Axé Miami B. Mim (José Pinheiro)
- 2- Tenda Espírita dos Orixás (Nova Brasília)
- 3- Ilê Iemanjá (José Pinheiro)
- 4- Ilê Axé Iemanjá Obá Ogum (José Pinheiro)
- 5- Centro Espírita Caboclo Jatoitan Ilê (José Pinheiro)

Dentre os 5 terreiros acima citados o Ilê Axé Miami B. Mim, chamou bastante atenção, devido a organização da estrutura física e ao zelo que a ialorixá tem para com sua casa-de-santo. Nesta, há uma saleta apropriada para cultuar Padilha, a entidade espiritual da casa.

Segundo Saraceni (2005:p. 223) todo assentamento tem várias funções, tanto no lado espiritual quanto no material. Assentar uma força significa criar no lado material um campo ou um ponto que pode ser ativado pelo médium tanto quando for abrir uma sessão de trabalhos espirituais como ao se sentir sobrecarregado energeticamente ou espiritualmente.

Na TABELA-1.0 observa-se que há uma certa confusão entre os seguidores da religião afrobrasileira, em definir qual a sua verdadeira religião. Acredita-se que esta dificuldade se dê devido ao sincretismo religioso que se formou, ao misturar as crenças da religião católica do Brasil, com os rituais das religiões africanas trazidas pelos negros durante o período da escravidão.

Verifica-se que 60% dos babalorixás e ialorixás entrevistados têm ou tiveram vínculo com a religião católica.

TABELA- 1.0 Perfil dos Babalorixás e Ialorixás (idade, estado civil, naturalidade, local de criação e religião)

IDADE	ESTADO CIVIL	NATURALIDADE	LOCAL DE CRIAÇÃO	RELIGIÃO
41 anos	Casada	Campina Grande	C.Grande	Católica Espírita
40 anos	Solteiro	Campina Grande	Salvador-Ba	Espírita
61 anos	Casada	Bananeiras	C.Grande	Era católica agora sou Afrobrasileira
55 anos	Solteiro	Campina Grande	C.Grande	Católica
43 anos	Casado	Recife- Pe	Recife- Pe	Candomblé

Quanto as indagações 8 (onde aprendeu?) e 9 (com quem aprendeu?) do apêndice 1; questionário sócio-econômico, as respostas foram praticamente as mesmas. Geralmente aprendem praticando dentro da casa de santo quando começam a freqüentá-la. E há também aqueles que desde crianças já convivem com tal prática, haja visto, serem descendentes de africanos. Observem a Tabela-2.0 .

Segundo Saraceni (2005) o desenvolvimento dos médiuns acontece com as pessoas possuidoras da mediunidade de incorporação entrando para a corrente mediúmica, e pouco a pouco irem desenvolvendo-se e sendo doutrinadas até que, com o passar dos anos, com sua estabilidade adquirida, e já entendendo o funcionamento da casa e dos trabalhos, é hora de assumir sua missão.

TABELA- 2.0 Informações de onde aprendeu e com quem o ofício com plantas medicinais.

ONDE APRENDEU?	COM QUEM APRENDEU?
Dentro da casa de santo	Com os pais de santo
Em casa	Com pais e avós (descendentes de africanos).
Em casa (meu pai biológico era médium)	Não aprendi, desenvolvi, pois sou médium.
No candomblé (praticando)	Com os pais de santo.
Dentro do candomblé	Minha mãe biológica era ialorixá

Ficou evidente que os entrevistados se sentem extremamente gratos aos seus guias por tê-los instruído quando pouco ou quase nada sabiam sobre tantas coisas que compõem o exercício da mediunidade e sobre sua missão. No entanto, os mesmos afirmaram que há sempre algo a ser aprendido e acrescentado ao seu trabalho mesmo já tendo muitos anos de atividade como dirigente. Por isto faz-se necessário que os adeptos profundamente comprometidos com a religião, periodicamente, participem de ciclos evolutivos, façam suas obrigações e se renovem espiritualmente, seguindo a ordem hierárquica constituída.

Com relação aos dados obtidos a partir do apêndice-1: questionário sócio-econômico (indagações 10, 11 e 12), a Tabela-3.0 apresenta os auxiliares do terreiro, o tempo de atividade dos pais ou mães-de-santo, e se estes têm outra atividade (lucrativa ou não).

TABELA-3.0 Respostas das indagações Tempo de atividade e se exerce outra atividade.

AUXILIARES	TEMPO DE ATIVIDADE	OUTRA ATIVIDADE (LUCRATIVA OU NÃO)
Ekede, Axogum, Ogã e Iaôs.	29 anos	Comerciante (confeção)
Iabás, Tatafaca e Axogum	35 anos	Funcionário Público Municipal.
Filhos-de-santo, Iaquequerê e Axogum	49 anos	Doméstica.
Ekede, Tatafolha, Tatafaca e Ogã.	42 anos	Não.
Ebami, Ekede e Ogã	Mais de 25 anos	Palestrante da língua iorubá em universidades do Recife- Pernambuco.

Os dados da Tabela-3.0 ressaltam que um babalorixá ou uma ialorixá, independente do tempo de atividade (experiência adquirida), necessita de auxiliares para poder cumprir as suas tarefas antes, durante e depois dos rituais. Silva (1988: p.110) destaca a função de alguns destes auxiliares dentro da hierarquia religiosa. Dentre os cinco entrevistados observa-se também que apenas dois deles não são remunerados, os demais cumprem horários, já que são remunerados.

A partir da coleta de dados feita em 5 terreiros da zona leste de Campina Grande, foi possível fazer-se o inventário de plantas medicinais e místicas que são utilizadas em rituais sagrados afro-brasileiros. Desta pesquisa resultou a identificação de 101 espécies vegetais utilizadas pelos babalorixás e ialorixás dos terreiros antes já citados. As 101 espécies vegetais foram catalogadas de acordo com o nome popular, nome científico, família, denominação em iorubá (de algumas espécies), parte da planta (raiz, caule, folha, flor, fruto e semente) que é usada, entidade espiritual (orixás) correspondente a cada planta, bem como sua respectiva linha de ação.

Das 101 ervas citadas pelos babalorixás e ialorixás, observou-se que estas estão distribuídas em 51 famílias, sendo as mais utilizadas nos terreiros em questão, a Leguminosae (11,8%), seguida da Labiatae (7,92%), Liliaceae (5,94%), Anacardiaceae, Euphorbiaceae e Gramineae (3,96% cada uma), como verifica-se na Figura-1.0.

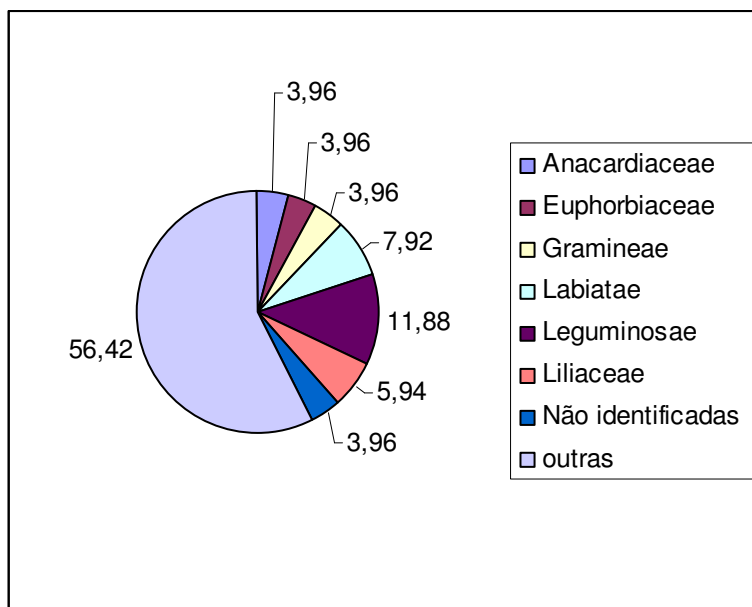


Figura-1.0 Percentual das seis Famílias Vegetais mais citadas, das que não foram identificadas e das demais famílias.

A Tabela- 4.0 traz a catalogação das plantas medicinais, de acordo com o nome popular, o nome científico, a família e a língua iorubá.

Diante do exposto, percebe-se que das 101 plantas citadas, apenas 21 recebem a denominação em iorubá. Este desconhecimento por parte dos babalorixás e ialorixás ocorre, talvez, porque, além de antiga, a língua iorubana é oral e esta oralidade pode ter sofrido significativas perdas no decorrer dos tempos.

Tabela-4.0. Relação das plantas medicinais citadas pelos babalorixás e ialorixás (nome popular, o nome científico, família e denominação em iorubá).

NOME POPULAR	NOME CIENTIFICO	FAMÍLIA	IORUBÁ
Akokó	<i>Newbouldia laevis</i> Seem	Bignoniaceae	Akokó
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Labiatae	---
Alecrim de caboclo	<i>Croton zehneri</i> Pax e Hoffm.	Euphorbiaceae	---
Alecrim do campo	<i>Lippia geminata</i> H. B. K.	Verbenaceae	---
Alevante	<i>Mentha piperita</i> L.	Labiatae	---
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Malvaceae	Ewe funfun
Alpiste	<i>Phalaris canariensis</i> L.	Gramíneae	---
Amendoim	<i>Arachis hipogaea</i> L.	Leguminosae	---
Amesca	<i>Protium heptaphyllum</i> March	Burseraceae	---
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Leguminosae	---
Aroeira	<i>Myracrodruam urundeuva</i> Fr.All	Anacardiaceae	---
Arroz	<i>Oryza sativa</i> L.	Gramineae	---
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Ligami
Batata-de-purga	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) URB	Convolvulaceae	---
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> Poir	Convolvulaceae	---

Boldo	<i>Peumus boldus</i> Mol	Monimiaceae	---
Briônia	<i>Bryonia dioica</i> Jacq	Cucurbitaceae	---
Cajá-manga	<i>Spondias dulcis</i> Forst.	Anacardiaceae	---
Calistemo-fênico	<i>Calistemon fenicus</i> Martius	Myrtaceae	---
Candeias	<i>Arisarum vulgare</i> Targ.	Araceae	---
Canela-de-Velha	<i>Miconia serialis</i> DC.	Melastomataceae	---
Caapomonga	<i>Plumbago scandens</i> L.	Plumbaginaceae	---
Carrapateira	<i>Ricinus communis</i> L.	Euforbiaceae	---
Cipreste	<i>Cupressis pyramidalis</i> Targ.	Cupressaceae	---
Colônia	<i>Alpinia speciosa</i> Schum	Zingiberaceae	---
Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i> L.	Palmaceae	---
Dendê	<i>Elaeis guineensis</i> N. J. Jacquin	Palmae	Mariwô
Dinheiro	<i>Aerva lanata</i> (L) Juss. ex. Schultes	Amaranthaceae	Ewé ajé
Ervilha de Angola	<i>Cajanus flavus</i> D.C.	Anacardiaceae	---
Espada de Ogum (Junça)	<i>Cyperus esculentos</i> L.	Cyperaceae	Junça
Espada-de-São Jorge	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojir.	Liliaceae	---
Espada-de-Santa Bárbara	<i>Sansevieria cylindrica</i> Willd.	Liliaceae	---
Espinafre	<i>Spinacea oleracea</i> L.	Chenopodiaceae	Dun dun
Espinheira-santa	<i>Maythenus ilicifolia</i> Martius	Celastaceae	---
Fedegoso	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boraginaceae	---
Feijão	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Cesalpiniaceae	---
Feijão-fradinho	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Leguminosae	---
Folha-da-Fortuna	<i>Bryophyllus cacynum</i> Salisb	Crassulaceae	---
Folha de Ariá	<i>Thalia lutea</i> Stend	Marantaceae	---
Folha de Fogo	<i>Cordyline terminalis</i> Endl.	Liliaceae	Peregum pupa (vermelho)
Fumo	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	---
Gameleira	<i>Ficus doliaria</i> Martius.	Moraceae	Irokô
Gerânio	<i>Pelargonium hortorum</i> L. H. Bailey	Geraniaceae	---
Grão-de-bico	<i>Cicer arietinum</i> L.	Leguminosae	---
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	Compositae	---
Hortelã miúda	<i>Mentha vilosa</i> Huds	Labiatae	---
Imbaúba (umbaúba)	<i>Cecropia palmata</i> Willd	Moraceae	---
Inhame	<i>Dioscorea sativa</i> L.	Dioscoraceae	---
Jaca	<i>Artocarpus integrifolia</i> L.	Moraceae	---
Jatobá (Jataí)	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Leguminosae	---
Jatobá do campo	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Leguminosae	---
Jibóia	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.,	Araceae	---
Lágrima-de-nossa- senhora	<i>Coix lacrima-jobi</i> L.	Gramineae	---
Lelecum			
Lentilha	<i>Lens esculenta</i> Moench	Leguminosae	---
Liamba	<i>Cannabis sativa</i> L.	Cannabaceae	Liamba
Língua-de-sapo	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth,	Piperaceae	Teté
Lírio-do-brejo	<i>Lilium candidum</i> L.	Liliaceae	---
Lótus	<i>Nymphaea lotus</i> L.	Nymphaeaceae	---
Macaçá	<i>Aeolanthus suaveolens</i> Mart. Ex. Spreng	Labiatae	---
Malmequer-do- campo	<i>Spilanthes acmella</i> Murr	Compositae	Oripepeu

Manga-espada	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	---
Manjeriço-roxo	<i>Ocimum Basilicum</i> L.	Labiatae (Lamiaceae)	---
Manjerioba (Fedegoso)	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Leguminosae	---
Manjerona	<i>Origanum majorana</i> L.	Labiatae	---
Maravilha	<i>Mirabilis Jalapa</i> L.	Nictaginaceae	---
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Gramineae	---
Miúva		Melastomaceae	---
Monsenhor (Matricária)	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Compositae	---
Mulungu	<i>Erytrina velutina</i> Willd	Leguminosae	---
Murici (Douradinha)	<i>Byrsonima intermedia</i> Ad. Jussieu	Malpighiaceae	---
Objericum			Objericum
Obi	<i>Cola acuminata</i> Schott & Endl.	Sterculiaceae	Obi
Olhos de Santa Luzia	<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Euphorbiaceae	---
Pasta de peixe (Flor- d'água)	<i>Pistia stratiotes</i> L.	Araceae	Ojú-oró
Pata de vaca	<i>Bauhinia forticata</i> Linck	Leguminosae	---
Pau-de-Angola (Liamba)	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Verbenaceae	---
Pega-pinto (Erva- tostão)	<i>Boerhaavia diffusa</i> L.	Nictaginaceae	Tipola
Piperegum-verde (Iperegum-verde)	<i>Dracaena fragans</i> Massangeana	Liliaceae	Perègum
Piperegum verde e amarelo	<i>Dracena fragans</i> Lindenii	Liliaceae	
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	---
Quizar			---
Quixabeira (Rompe- gibão)	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem e Schult) Penn	Sapotaceae	---
Rabo-de-tatu	<i>Cyrtopodium punctatum</i> (L.) Lindl.,	Orchidaceae	---
Rosas	<i>Rosa grandiflora</i> Hort.	Rosaceae	---
Sabugueiro	<i>Sambucus australeis</i> Cham e Schlecht	Caprifoliaceae	---
Saião (Coerama)	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam) Oken	Crassulaceae	Corona
Sálvia	<i>Salvia splendens</i> Silew	Labiatae	---
Sangue-de-Cristo	<i>Aristolochia cauliflora</i> Ule.	Aristolochiaceae	---
Sangue-de-Dragão	<i>Pterocarpus officinalis</i> Jacq., P.	Leguminosae	---
Sangue-lavor			---
São Gonçálinho	<i>Guidonea língua</i> Martius	Samidaceae	---
Sapatinho de Nossa Senhora (Sapatinho dos jardins)	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> L. Poi.	Euphorbiaceae	---
Tapa-buraco	<i>Piper aduncun</i> L.	Piperaceae	---
Tapete de Oxalá	<i>Coleus barbatus</i> Benth	Labiatae	---
Trapoeraba	<i>Commelina benghalensis</i> L.	Commelinaceae	---
Unha de vaca	<i>Bauhinia forticata</i> Linck	Leguminosae	---
Urtiga Branca	<i>Urtica urens</i> L.	Urticaceae	Funfun
Urtiga vermelha	<i>Urera bacífera</i> Gaudchaud	Urticaceae	Pupa
Urucu	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	---
Vitória-régia	<i>Victoria regia</i> Lindl.	Ninphaeaceae	Ocibatá

Segundo os dados coletados nos 5 terreiros em questão, observa-se na que a parte da planta mais utilizada nos rituais sagrados é a que corresponde a folha 79%, seguida da semente 12%, flor 5%, raiz 3% e fruto 1%. Verifica-se ainda que o caule não foi mencionado pelos entrevistados.

Conforme Saraceni (2005: p.73)

Os vegetais, no seu conjunto, formam o que chamamos de flora. Mas, tomados isoladamente, temos de subdividi-los em raiz, caule, folhas, flores, frutos e sementes porque, regidas pelos orixás, existem divindades da natureza cujas vibrações se fixam só em uma dessas partes deles e suas irradiações só conseguem chegar ao plano espiritual ou até nós por meio delas.

O resultado obtido- folha com 79,4% está fundamentado em Camargo (1988: p.2) quando ele dá ênfase a seguinte frase: ‘cossi, lué, cossi, erixá’, isto é, se não há folha, não há santo.

Com base nos dados coletados na pesquisa realizada. Foram identificadas 18 entidades espirituais (orixás). as quais verifica-se na TABELA- 6.0 que entidades como: Oxalá, Ogum, Oxum, Oxóssi, Iansã, Iemanjá e Xangô são cultuadas de forma bastante expressiva, quando comparados a Pomba-gira e ao Caboclo.

Tabela- 6.0 Aspecto quantitativo e percentual das entidades espirituais citadas pelos pais e mães de santo.

ENTIDADE ESPIRITUAL (ORIXÁ)	QUANTIDADE	PERCENTUAL
Caboclo	1	0.8
Exu	6	4.8
Iansã	12	9.6
Iemanjá	12	9.6
Jurema	2	1.6
Logum-edé	2	1.6
Nana	2	1.6
Obaluaiê	5	4.03
Ogum	16	12.9
Oxalá	17	13.7
Oxossi	13	10.4
Ossãe	3	2.41
Oxum	14	11.2
Oxumaré	2	1.6
Pomba-gira	1	0.8
Preto-velho	3	2.41
Xangô	11	8.8
Todos os Orixás	2	1.6
	124	100%

Apesar de todos os orixás serem entidades espirituais, de quem se valem os componentes dos terreiros para a cura de seus males físicos e espirituais. Acredita-se que a predominância de Oxalá, verificada na Tabela 6.0, se dê devido ao sincretismo religioso deste orixá com Jesus Cristo. Este fato é constatado em Aragão et.al (1987: p.83) “Oxalá é o Pai Supremo, o Senhor da Criação e Jesus Cristo simultaneamente”.

Quanto a Ogum, Saraceni (2005: p.75) o define como: “o orixá maior Ogum é uma divindade planetária e multidimensional, sendo em si mesmo a ordem existente em toda criação aqui existente. Ele atua tanto sobre os seres naturais quanto sobre nós, os espíritos. Ele tanto ordena a natureza em geral quanto os seres que nela vinem e dela se servem”.

Quanto ao critério, linha de ação das entidades espirituais em relação as plantas medicinais que são usadas nos 5 terreiros, foram identificadas 19 variantes. Das quais na TABELA- 7.0, consta a distribuição quantitativa das linhas de ação das entidades.

As ervas dentro dos cultos têm variadas entidades e, a partir do momento em que há uma necessidade de satisfazer essa utilização, se torna imprescindível o uso das funções práticas (linha de ação) dos cultos afro-brasileiros.

Tabela- 7.0 Distribuição quantitativa e percentual das linhas de ação das entidades espirituais (orixás).

LINHAS DE AÇÃO	QUANTIDADE	PERCENTUAL
Abô	13	7.30
Afastar mal espírito	1	0.56
Amaci (omièrò)	40	22.4
Arrastar no chão (no cerimonial)	1	0.56
Banhos (purificação, descarrego e limpeza)	48	26.9
Cachimbo (defumação ritual)	1	0.56
Colchão	11	6.17
Dança	1	0.56
Defumação	3	1.68
Ebó	19	10.6
Esteira	6	3.37
Feitura de Santo	3	1.68
Lavagem de Contas	1	0.56
Lavagem do Ori	8	4.49
Limpeza da Casa	1	0.56
Mastigação	1	0.56
Pasta	1	0.56
Remédio	8	4.49
Sacudimento (Limpeza de filhos e clientes)	11	6.17
	178	100%

De acordo com os depoimentos adquiridos durante a pesquisa de campo, não resta dúvida que o valor e a eficácia do uso das ervas medicinais, depende única e exclusivamente da forma como estas são empregadas. O lado místico e terapêutico se entrelaçam em função de banhos, amacis, defumações, sacudimentos, limpeza de casa, enfim através da linha de ação das entidades espirituais.

Concebidas ou não como seres espirituais, as plantas adquiriram fundamental importância na medicina popular por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas. Que mistura o conhecimento dos efeitos terapêuticos de certas plantas com invocações e rezas para expulsar as doenças, ressalta Alzugaray (1983).

CONCLUSÃO

Com base nos dados coletados no questionário sócio-econômico, foi possível:

- Fazer perfil dos 3 babalorixás e 2 ialorixás dos 5 terreiros citados anteriormente. Verificou-se que a faixa etária varia entre 40 e 61 anos; a maioria é casado, natural de Campina

Grande, criados em Campina Grande e pertencentes a religião católica. Observou-se também que todos os componentes de um terreiro aprende ou desenvolve seu ofício praticando, uma vez que estes, auxiliam seus respectivos pai / mãe-de-santo.

Quanto aos dados coletados no questionário de produtos conclui-se que:

- Foram catalogadas 101 espécies de plantas medicinais e místicas, que são utilizadas em rituais sagrados afrobrasileiros. As mesmas estão distribuídas em 51 famílias.
- As famílias com maior representatividade foram: Leguminosae 12 espécies (11,88%), Labiatae 8 espécies (7,92%), Liliaceae 6 espécies (5,94%) e Anacardiaceae, Euphorbiaceae e Gramineae cada uma com 4 espécies (3,96%).
- Pelos dados obtidos evidencia-se que a nomenclatura peculiar a cultura afrobrasileira é pouco conhecida pelos integrantes dos terreiros em questão, haja visto, que das 101 espécies citadas apenas 21 receberam a denominação em iorubá.
- Com relação ao uso místico e terapêutico das plantas utilizadas nos rituais sagrados, pode-se afirmar que estas desempenham um importante papel dentro dos rituais, tanto pelo seu valor simbólico, como pelos efeitos que causam àqueles que delas se utilizam. Há plantas que são usadas para curar a dor física e espiritual, e há também as que são usadas como oferendas aos orixás.
- Quanto a parte da planta que é mais utilizada pelos babalorixás e ialorixás durante os rituais sagrados, constatou-se que a folha atingiu 79,4% de utilização, seguida da semente (11,7%), flor (4,9%), raiz (2,9%) e fruto (0,9%).
- Foram identificadas 18 entidades espirituais (orixás), sendo que Oxalá, Ogum, Oxum, Oxossi, Iansã, Iemanjá e Xangô são cultuados de forma bastante expressiva, cada um foi citado mais de 10 vezes.
- Quanto a linha de ação dessas entidade espirituais em relação as plantas medicinais que são usadas nos 5 terreiros, forma identificadas 19 variedades em uso, das quais 6 merecem destaque: banhos (27%), amaci (22,5%), ebó (10,7%), abô (7,4%), colchão (6,1%) e sacudimento (6,1%).
- Foi constatado que as plantas medicinais utilizadas nos rituais sagrados dos 5 terreiros em questão não são apenas fruto de uma crença popular, elas estão fundamentadas cientificamente, pois apresentam princípios ativos que combatem doenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, Ulysses Paulino de. (2002). Introdução, in: Albuquerque, Ulysses Paulino de. *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia.
- Almeida, Paulo Newton de. (1995). *Umbanda Século XX*. Rio de Janeiro: Impresso por Paulo César Bittencourt de Souza- Gráfica.
- Alzugaray, Domingo e Alzugaray, Cátia. (1983). *Plantas que Curam: A Natureza a Serviço de sua Saúde*. São Paulo- SP: Preparação de Medicamentos. Editora Três Livros e Fascículos.
- _____. (1983). *Plantas que Curam: A Natureza a Serviço de sua Saúde. História e Tradições*. Editora Três Livros e Fascículos. São Paulo- SP.

Amorozo, Maria Christina de Melo. (1996). *A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais*. in: Di Stasi, Luiz Cláudio (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora UNESP.

Araújo, Emanuelle Rodrigues. (2004). *Jardim Particular: um estudo de caso*. 2004. 75p. Monografia (Graduação). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

Aragão, Maria do Carmo Silva de. (1987). *Linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa*: Fundação casa de José Américo. João Pessoa.

Barsa, (1998). *Nova Enciclopédia*. Volume 9. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações.

Bizzo, Nélio. (1998). *Ciências: fácil ou difícil? Série Palavra de Professor: Conhecimento: científico e cotidiano*. São Paulo: Editora Ática.

Camargo, Maria Thereza Lemos de Arruda. (1985). *Medicina Popular: aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral*. São Paulo: Almed.

_____. (1998). *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiro I*. São Paulo: Almed.

Dantas, Ivan Coelho. (2002). *O Raizeiro e suas Raízes: Um novo olhar sobre o saber popular*. 2002. 145 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande.

Di Stasi, Luiz Cláudio. (1996). *Arte, ciência e magia*. in: DI STASI, Luiz Cláudio (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora UNESP.

_____. *Conceitos básicos na pesquisa de plantas medicinais*. in: DI STASI, Luiz Cláudio (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

_____. (1996). *A multidimensionalidade das pesquisas com plantas medicinais*. in: DI STASI, Luiz Cláudio (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora UNESP.

_____. (1996). *Química de produtos naturais: principais constituintes ativos*. in: DI STASI, Luiz Cláudio (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora UNESP.

Farelli, Maria Helena. (1988). *Plantas que curam e cortam feitiços*. Rio de Janeiro: Pallas editora.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. (1993). *Minidicionário da língua portuguesa*. 3. ed, revista e ampliada 8 impressão. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.

Informativo Glossário. Disponível em http://www.uucab.com.br/uucab_informativo_glossario.html. Acesso em: 28/05/2006

Ming, Lin Chau. (1996). *Coleta de plantas medicinais*. in: DI STASI, Luiz Cláudio (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo. Editora UNESP.

Portugal, Fernandes. (1987). *Rezas: folhas, chás e rituais dos orixás*. Folhas, sementes, frutas e raízes de uso litúrgico na umbanda e no candomblé com uso prático na medicina popular. Rio de Janeiro. Editora Tecnoprint S.A.

Ribeiro, José. (S/D) O poder das ervas na umbanda. Indicações na aplicação doméstica- descrição e emprego- banhos e defumações. Rio de Janeiro. Editora ECO.

Santos, Adriano Marques dos. (2005). *As plantas que constituem o “Pau- do- índio” e seus possíveis efeitos tóxicos sobre a saúde humana*. 2005. Projeto de pesquisa (TAO) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

Saraceni, Rubens. (2005). *Tratado Geral de Umbanda: Compêndios simplificado de Teologia de Umbanda, A Religião dos Mistérios de Deus. “As chaves interpretativas”*. São Paulo. Editora Madras.

Silva, Ornato José da. (1988). *Ervas Raízes Africanas*. Ano do centenário da abolição. Rio de Janeiro, Rabaço editora e impressora Ltda.

Silva, Vagner Gonçalves da. (2000). *As religiões na história*. Candomblé e Umbanda- caminhos da devoção brasileira. 1. Ed. 2 impressão. São Paulo. Editora Ática.

Verger, Pierre Fatumbi. (2004). *Ewé : o uso das plantas na sociedade iorubá*. São Paulo. Companhia das Letras. 4 impressão.

_____. Fundação Pierre Verger- Pesquisas- As Plantas. Disponível em <http://www.pierreverger.org/br/pierre>. Acesso em: 01/11/2005.